



Os direitos dos animais e a conservação da biodiversidade: relato do resgate da elefanta Rana

Animal rights and biodiversity conservation: account of the rescue of the elephant Rana

Gabi Di Bella ¹

gabidibellaphoto@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-8491-3662>

<http://lattes.cnpq.br/2202762152515862>

1 – Mestra em audiovisual pela Universidade Anhembi-Morumbi. Trabalha atualmente como fotojornalista freelancer desenvolvendo projetos próprios. É colaboradora de veículos como a National Geographic, The Intercept, Folha de S. Paulo e UOL.

* Artigo publicado originalmente no site da National Geographic em 11 de janeiro de 2019 e atualizado em 5 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2019/01/delefante-rana-maus-tratos-circo-zoo-via-gem-santuário-resgate>>. Acesso em: 30/abr/2023.

Resumo: Em dezembro de 2018 acompanhei o traslado da elefanta Rana por cerca de 2,7 mil km entre o hotel fazenda Boa Luz, nos arredores de Aracajú, até o Santuário de Elefantes Brasil (SEB), no Mato Grosso — Brasil. No presente trabalho, relato esta experiência a qual tive a oportunidade de registrar enquanto fotógrafa, jornalista e voluntária nesta jornada. Foram cerca de 10 dias acompanhando um processo que já estava em tramitação burocrática há pelo menos dois anos.

Palavras-chave: National Geographic, Santuário de Elefantes Brasil, direitos dos animais, conservação da biodiversidade, resgate de animais.

Abstract: *In December 2018, I accompanied the transfer of the elephant Rana for about 2,700 km between the Boa Luz farm hotel, on the outskirts of Aracajú, to the Elephant Sanctuary Brazil (SEB), in Mato Grosso — Brazil. In the present work, I report this experience which I had the opportunity to record as a photographer, journalist and volunteer on this journey. There were about 10 days following a process that had already been in the bureaucratic process for at least two years.*

Keywords: *National Geographic, Elephant Sanctuary Brazil, animal rights, biodiversity conservation, animal rescue.*

Em plena véspera de Natal de 2018 o telefone toca no posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF) de Aracajú (SE). O inspetor Nizandro Ramos atende; do outro lado da linha o chefe diz: “Temos um problema grande para resolver!”. Nizandro achou que era alguma carga a ser interceptada, mas o que o chefe dizia era que havia uma elefanta a ser escoltada. “Eu ri! Parecia piada. Só levei a sério quando me deram o endereço da Fazenda Boa Luz”, recorda o inspetor. A escolta da PRF era o detalhe que faltava para que a elefanta Rana pudesse, finalmente, começar a sua última viagem.

Rana estava prestes a cortar o país do nordeste ao centro-oeste — 2,7 mil km entre o hotel fazenda Boa Luz, nos arredores de Aracajú, até o Santuário de Elefantes Brasil (SEB), no Mato Grosso. Uma jornada que começou muito antes do dia 18 de dezembro, quando ela efetivamente pegou a estrada.

De origem asiática, Rana é “uma menina muito tranquila”, como descreve o norte-americano Scott Blais, especialista em elefantes e diretor-presidente do SEB. Estima-se que ela tenha entre 50 e 60 anos. Alguns relatos afirmam que a exploração da vida de Rana teria começado nos Estados Unidos quando ela fez campanha eleitoral de Ike Eisenhower e Richard Nixon em 1952. Trouxe sorte, pois Eisenhower se elegeu.

Depois de ter sido cabo eleitoral republicana, Rana chegou ao Brasil em 1967 com o circo Gran Bartolo, em Recife. A partir dali, sua vida foi viajar de trupe em trupe: trabalhou nos circos Moscow, Garcia, e Beto Carrero, numa época em que ver animais em circo era algo lícito. A carreira circense só cessou quando o uso de animais como entretenimento foi proibido por leis estaduais — já aprovadas em 11 estados. Por volta dos anos 2003–2004, algumas leis começaram a entrar em vigor, mas em anos diferentes em cada estado. Saber quando Rana saiu do circo e foi para o hotel fazenda é difícil afirmar com exatidão pois isto normalmente é feito ilegalmente e ninguém confirma este tipo de informação. Além disso, Rana foi para o hotel quando ainda estava sob administração anterior, a qual foi condenada por maus tratos e com quem não houve nenhum contato.

Estima-se que ela tenha sido transferida para a fazenda Boa Luz em 2006, um lugar cujo antigo dono vendeu depois de sofrer um processo por maus tratos de animais. Os novos donos, que compraram a fazenda em 2015, decidiram desativar o mini-zoo e a elefanta precisou ser transferida.

Após anos na fazenda Boa Luz, era como se Rana estivesse acostumada com a solidão no espaço de 1 mil m², um pedaço de terra isolado por um fino arame eletrificado e sem árvores. Elefantes são animais sociais, herbívoros, andam em bandos, caminham e comem pelo menos 20 horas por dia. A única visita que recebia era do trenzinho do hotel com turistas que faziam selfies e iam embora.

Para uma elefanta que se acostumou a ficar sozinha, nossa chegada não foi nada discreta. Logo cedo, estacionaram ao seu lado um guindaste e um caminhão com um contêiner. Depois dessa operação de guerra, o momento era de espera; poderiam ser horas, talvez, dias até que Rana resolvesse, por vontade própria, finalmente adentrar. E ela

foi rápida, entrou no contêiner em apenas duas horas.

A partir disso, toda vez que Rana entrava no contêiner recebia estímulos positivos como maçãs e cenouras. O prato preferido? Qualquer coisa com manteiga de amendoim. A conexão entre Rana e a equipe cresceu rapidamente. No primeiro dia, após o pôr do sol, entramos no carro para ir embora e Rana caminhou até a cerca. Parecia querer vir conosco.

Do segundo dia em diante, era preciso testar como a elefanta reagiria quando o contêiner fosse completamente selado para a viagem. Testes eram realizados várias vezes ao dia. “Na primeira vez ela tremeu um pouco as patas”, conta. Para evitar uma nova despedida, Scott decidiu não ir embora e passar a noite monitorando o comportamento dela.

No quarto e último dia de adaptação, chegou à fazenda Simone Hiromoto, veterinária e funcionária pública que trabalha voluntariamente para o SEB. Simone trazia a Guia de Transporte de Animais (GTA) e a Licença de Transporte de Animais, dois documentos sem os quais Rana não poderia partir, emitidos na última hora. “Esbarramos em muita burocracia e as pessoas não sabem nem como tratar o assunto.”, explica.

O processo difícil começara muitos meses antes e teve uma feliz coincidência. Ao mesmo tempo em que a equipe do SEB planejava uma ação civil pública, o veterinário dela, Genisson Resendes, estava decidido a buscar um lugar melhor para a elefanta viver. “Achei o santuário em uma pesquisa na internet, mandei um e-mail tão empolgado que nem lembro direito o que escrevi”, reconta.

O guindaste começou a içar o contêiner com Rana às 10h30 do dia 18 de dezembro de 2018. Logo ao sair do chão, ele balançou e Rana ficou agitada. O contêiner voltou ao chão. Scott se pendurou para falar com Rana. “Boa menina, nós vamos para um lugar melhor, onde já estão a Maia e a Guida”, explicava ele. Ela se acalmou e o içamento seguiu.

Partimos para cruzar Bahia, Goiás e Mato Grosso. A viagem passou pelas três chapadas brasileiras — a Diamantina, a dos Veadeiros e terminou na dos Guimarães. Dirigimos parando somente para comer e abastecer quando necessário. A cada posto, o olhar curioso de quem teve a sorte de cruzar com a caravana. Alguns vinham correndo, celular na mão: “Eu vim ver o elefante!”.

De madrugada, Rana se movimentava dentro do contêiner, com o rabo sempre balançando. O caminhão sofria nas subidas, andando a míseros 20 km/h. Rana pesa cerca de 3,5 toneladas. Os maiores obstáculos na estrada foram durante as madrugadas, com carretas que assustadoramente invadiam o espaço entre nós e Rana em um zig-zag obrigatório, invadindo a contramão para evitar buracos e crateras no asfalto.

Ocupamos o tempo contando histórias curiosas. Scott lembrava de elefantes especiais de que já cuidou quando trabalhava em um santuário no Tennessee (EUA). “Uma vez uma elefanta fugiu, parou na janela de uma casa. A moradora assistia um filme e ofereceu

pipoca para ela. Achei que iria ter problemas, mas pelo contrário, depois disso, todos os moradores da cidade queriam a visita de um elefante”, disse. Segundo ele, essa mesma elefanta, Barbara, se comunicava e mandava mensagens através de médiuns espirituais.

Assim a viagem seguiu, com histórias de elefantes, o susto de um animal morto na estrada, e um pneu furado do caminhão que foi trocado na passagem por Brasília. Rana já deveria estar exausta quando, depois de rodar por 78 horas e 46 minutos, dobramos na estrada de terra que dá acesso ao Santuário na zona rural de Rio da Casca (MT), a 110 km da capital Cuiabá. A emoção da equipe era evidente, mas ela logo foi substituída por tensão. Os guindastes para içar a elefanta ainda não tinham chegado.

De imediato, ainda dentro do contêiner, Rana recebeu plantas nativas. O alívio da equipe veio junto com a chuva e a chegada dos guindastes — duas horas atrasados. Scott, então, abriu o portão, mas se esqueceu de abrir a parte do telhado do contêiner. Rana deu seu jeito: dobrou as patas e, carinhosamente, entrou em seu novo lar. Saiu e cheirou tudo, jogou terra no corpo, barriu, e expulsou o galo George, curioso para conhecê-la. Rana passou a noite ainda em adaptação.

Na manhã seguinte foi o momento de conhecer as duas elefantas, Maia e Guida, que já moram no santuário há um ano. No primeiro contato, Guida foi imensamente receptiva, enquanto Maia fez alguns gestos com a tromba para demonstrar autoridade à novata. Após algumas horas, as três gigantes foram liberadas para andar pelos 1100 hectares do SEB. Rana não se intimidou. Maia e Guida seguiram para o lago e ela foi atrás. “Ela foi até lá e não entrou, mas já é sinal de que vai se adaptar facilmente”, diz Scott.

O transporte demandou quatro meses de esforço, 2,7 mil km rodados e um custo de 25 mil dólares para entregar Rana a um lugar parecido à paisagem da qual ela nunca deveria ter saído. O Santuário de Elefantes Brasil é a primeira experiência do tipo em toda a América Latina. Ele foi idealizado em 2013 pela brasileira Junia Machado após uma visita ao zoo de São Paulo quando viu a situação da elefanta que vivia lá. Atualmente, cerca de 10 elefantes, de vários países, aguardam uma chance para serem recebidos pelo local.

Referências:

DI BELLA, Gabi. Depois de passar décadas em circos e zoos, elefanta Rana viaja 2,7 mil km por uma vida melhor. National Geographic, 2020. Acessível em: <<https://www.national-geographicbrasil.com/animais/2019/01/delefante-rana-maus-tratos-circo-zoo-viagem-santuario-resgate>>.

















